

## EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: POSSÍVEIS ENLAÇES

Vivian da Silva **LOBATO**

Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA

**vivianlobato@ufpa.br**

*A narração da própria vida é o testemunho de mãos eloquentes dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.*

Bosi (2003, p. 68)

**Resumo:** O presente artigo propõe-se a discutir a questão da memória individual e coletiva e os enlaces desta com a educação. O referencial teórico-metodológico está assentado nos estudos de Ecléa Bosi (1994; 2003) sobre memória e na teoria sobre memória social de Maurice Halbwachs (1993). Segundo os referidos autores, os processos memorativos são relacionados a campos de significação na vida do sujeito que recorda. Nesta perspectiva, entende-se que os estudos de memória em educação, com o aporte de alguns autores da Psicologia Social - Ecléa Bosi (1994; 2003); Maurice Halbwachs (1993), ajudam a elucidar a compreensão dos fenômenos educativos, das inquietações e dos desafios que na contemporaneidade têm mobilizado pesquisadores e professores. Entende-se ser relevante esse olhar sobre o passado, uma vez que esse encontro com a historicidade da educação possibilita fecundas formas de produzir novos saberes que possam ser investidos nas práticas educativas de nosso tempo.

**Palavras-chave:** Educação. Memória. História.

**Abstract:** This article proposes to discuss the issue of individual and collective memory and the links with the education. The theoretical and methodological studies sits in Ecléa Bosi (1994, 2003) on memory and theory of social memory by Maurice Halbwachs (1993), according to these authors, memorativos processes are related to fields of meaning in the life of the subject which recalls. In this perspective, it is understood that the memory studies in education, with the contributions of some authors of Social Psychology - Ecléa Bosi (1994, 2003), Maurice Halbwachs (1993), help to elucidate the understanding of educational phenomena, the concerns and challenges that have mobilized in contemporary researchers and teachers. It is understood that look to be relevant about the past, given that this encounter with the historicity of education provides fruitful ways to produce new knowledge that can be invested in the educational practices of our time.

**Keywords:** Education. Memory. History

O passado não passou. Faz morada no presente. Recria o futuro. As lembranças permanecem na memória. Neste ensaio, explicitamos como os autores Bosi (1994, 2003) e Halbwachs (1993) pensam a memória e o ato de lembrar. Com base nesses autores, objetivamos discutir a memória individual e coletiva e de que maneira isto se entrelaça com a pesquisa em educação.

De acordo com Lucas (2009), as pesquisas sobre memória podem caminhar em duas direções. Uma direção dedica-se ao levantamento individualizado de fatos, podendo envolver aspectos íntimos; são resgates autobiográficos, em que o próprio pesquisado é objeto de pesquisa. Outro caminho preocupa-se com uma abordagem das memórias coletivas, aspectos apresentados por diversas pessoas ligadas ao mesmo objetivo, isto é, as biografias socializadas.

No Brasil, muitas das pesquisas que utilizam como abordagem metodológica a história oral estão, de alguma forma, ligadas aos estudos de memória desenvolvidos pela Psicologia Social. Muitas pesquisas tiveram como referência o conceito de contexto e função social da memória, desenvolvido por Bosi (1994), apoiado em Halbwachs. Para ela, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (p. 17).

No livro *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social* (2003), Bosi volta a encarar a memória oral como condão precioso para tecer a crônica do cotidiano. Valoriza a palavra dos velhos, das mulheres, dos trabalhadores manuais, estes todos excluídos da história ensinada na escola. Existem os mediadores institucionais: a escola, a igreja, o partido político. A memória oral, longe das viseiras unilaterais para as quais tendem certas instituições, faz ver por muitos lados, por lados distintos e até contraditórios: “e aí se encontra a sua maior riqueza”, escreve Bosi.

Na obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994), Bosi traz para debate as zonas limite entre história e memória, articuladoras da vivência. As vozes que atuam na recuperação da memória vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores no momento do relato. Um deles refere-se à relatividade da memória, que envolve não apenas lembranças, mas também silêncios e esquecimentos. Há um vínculo entre memória,

lembrança e esquecimento. Lembrança e esquecimento constituem uma unidade entre complementares e opostos. Onde estiver presente um desses elementos, também estará o outro.

O conteúdo narrado é praticamente uma reconceitualização do passado a partir do momento presente, da pessoa com quem se está falando e do objetivo da narrativa. As pessoas não têm em suas memórias uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorrem no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de se construir uma versão do passado e transmiti-la de acordo com as necessidades do presente. É nesse momento, o da narrativa de uma versão do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias.

Da mesma forma, no relato oral ou escrito das memórias, o sujeito busca construir uma identidade pessoal que, em alguns casos, não é exatamente a que ele possuía no passado. Quando as pessoas relatam situações de suas vidas, elas podem aproveitar para passar a limpo o passado e construir um todo coerente em que se mesclam situações reais e imaginárias.

A possibilidade de clarear e humanizar o presente pela troca de experiências é defendida por Bosi (1994). Para ela, é preciso conservar a arte de narrar. Trata-se de um processo em que o narrador é o sujeito personagem da história e o narrar é o registro; a passagem do oral para o escrito faz parte da história que está sendo construída pelo narrador e pelo historiador/ouvinte. Dessa maneira, um mundo de vivências, de contradições e de projetos que não vingaram pode chegar até nós, não como realmente existiu, mas como foram experimentados e como, hoje, são vistos.

Além disso, Bosi (1994) afirma que, descrevendo a substância da memória, a matéria lembrada – o modo de lembrar – é tanto individual quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas, ao recordar, ao trabalhá-las, paulatinamente individualiza a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique apenas o que signifique.

Ao tratar sobre memória e interação, Bosi (1994) postula que somos de nossas recordações apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelos constantes ao outro para que confirme a nossa visão: “ – Só eu senti, só eu compreendi...” (p. 408) ou “ – Aí está alguém que não me deixa mentir” (p. 407).

Ao discorrer sobre como o indivíduo é testemunha de seu tempo, Bosi (1994) observa que a memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiar, de convivências escolares e profissionais, que atam a memória de seus membros, acrescentam, unificam, diferenciam, corrigem e passam a limpo o passado. Uma evolução que dependerá da interação do grupo. Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado que podem reter objetos que são para este, e só para este, significativos dentro de um tesouro comum. Para a autora, o grupo é o suporte da memória, tanto que:

*Quando o grupo é efêmero e logo se dispersa, como uma classe para o professor, é difícil reter o caráter e a fisionomia de cada aluno. Para os alunos as lembranças são mais sólidas, pois tais fisionomias e caracteres são sua convivência de anos a fio (BOSI, 1994, p. 414).*

Sobre o tempo e a memória, Bosi (1994) escreve que uma forte impressão que esse conjunto de lembranças deixa é a divisão do tempo que nelas opera. Para ela, a infância é larga “como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam” (p. 415). Difícil transpor a infância e chegar à juventude. A juventude já é transposta com o passo mais desembaraçado. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza, mas é o próprio tempo que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos.

Além disso, a autora chama a atenção para a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos significativos da vida:

*Mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. As festas que toda a família participa, como o Natal, são mais recordadas do que as que têm importância mais individual: formaturas e aniversários... (p. 415).*

De acordo com a autora, a memória se orienta preferencialmente por *marcos de significação concentrada* e não por datas e acontecimentos estanques, ou seja, o tempo se organiza para o depoente menos cronologicamente do que por eventos, acontecimentos singulares.

*Convém refletir sobre a divisão social do tempo que recobre as horas do relógio e impõe uma duração nova. Um dia inteiro pode dividir-se em antes e depois de uma visita esperada. Rememoramos com vivacidade os pequenos incidentes antes de sua chegada, uma flor colhida às pressas, algum arranjo de última hora na casa. E quando a visita esperada se afasta, ficamos estupefatos com a rapidez do desfecho e com o vazio que deixou depois de si (p. 416).*

A partição das lembranças não segue o tempo mensurável do relógio. Como afirma Bosi (1994), o ciclo temporal é comum a todos: vivemos a noite, as semanas, os meses... Mas, os períodos da vida, quando lembrados, não são proporcionais na narrativa ao tempo cronológico. Por exemplo, em atividades repetitivas e pobres de significação, como no caso da rotina burocrática, parece-nos levar uma eternidade. Quando nos lembramos desses momentos, somos breves, a descrição que fazemos delas não é proporcional ao tempo que tomaram de nós.

A lembrança revela o que foi empobrecedor e o que foi enriquecedor, e revela, sobretudo, aquilo que marcou nossa experiência de vida. Períodos marcantes são trazidos com seus pormenores, demandam esforço do depoente para lembrar-se dos acontecimentos, das pessoas, das datas e dos lugares. É esse árduo esforço que Bosi (1994) denomina trabalho da memória: “a memória... é trabalho” (p. 55).

Em sua pesquisa, Bosi (1994) discorre sobre dois temas bastante presentes nos depoimentos de seus entrevistados: a memória política e a memória do trabalho.

Sobre a primeira, a autora alerta, com relação às lembranças de militantes, para o risco de estereotipia, caindo em um discurso ideológico majoritário em seu grupo político. Ela também demonstra as formas como o entrevistado “vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização das pessoas e situações, e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia” (p. 459). Tal mistura decorre da maneira como o indivíduo imprime uma marca pessoal nas lembranças que são fruto de testemunhos de acontecimentos coletivos: familiares, sociais e políticos. Embora a memória coletiva se construa por laços sociais, é o indivíduo que lembra e, na sua história pessoal, busca significados para os acontecimentos que ficaram em sua memória. Dessa maneira, as

histórias de vida imprimem marcas na participação política, bem como a participação política está imbricada na história de vida de um militante.

Sobre a memória do trabalho, Bosi (1994) afirma o quanto os entrevistados, principalmente os que já não trabalham, trazem um laço afetivo muito forte ao ofício em seus detalhes e segredos, quando o fazer passa a ser o seu próprio lembrar. Para a autora, o trabalho envolve “os movimentos do corpo penetrando fundamente a vida psicológica” (p. 471), e ao mesmo tempo é meio de inserção nas relações sociais.

A memória busca resgatar o passado. Contudo, é impossível resgatá-lo fielmente. Existem lacunas e perdas. Para Bosi (1994, p. 55), “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado”. A lembrança é uma imagem construída pelas referências que estão à disposição, no conjunto de representações que povoam a consciência atual. Sendo assim, a memória individual não está isolada, ela toma pontos externos aos sujeitos como referências.

É a partir do presente que se lembra do passado. O presente é a referência, pois não há como não ter vivido no intervalo entre o momento em que aconteceu o fato lembrado e o presente. As lembranças são reconstruídas no presente, mas retomam fatos do passado com a ajuda de dados emprestados do presente. A imagem é reconstruída por meio de relatos e depoimentos, mesmo que o indivíduo não se dê conta de que aquela não é uma lembrança fiel. Nessa reconstrução de imagens, novamente o outro, a memória dos componentes dos grupos a que uma pessoa pertence passa a ter valor essencial.

Bosi (1994), amparada em Halbwachs, considera que cada indivíduo carrega suas lembranças pessoais. Entretanto, ele está inserido em um contexto social e cultural, e é nesse contexto que ele consolida suas lembranças. A memória individual sofre influências das diversas memórias que nos rodeiam. Dessa forma, a memória do indivíduo está relacionada à classe social a que pertence, ao relacionamento com a família, com a igreja, com a escola, com a profissão, com os grupos de referência. Essas diversas memórias constituem a memória coletiva, que dá base à identidade do indivíduo, como pertencente a um determinado grupo. Podemos, assim, dizer que a memória pessoal está ligada à memória em grupo que, por sua vez, está amarrada à memória coletiva de cada sociedade.

Segundo Halbwachs,

*A memória individual não está inteiramente isolada, fechada num homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. Mas, ainda o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (1993, p. 58).*

Sociólogo durkheimiano, Halbwachs entendia a memória como fenômeno social. Para este autor, uma semente de rememoração pode permanecer como um dado abstrato ou pode formar-se em imagem e como tal permanecer, ou pode, finalmente, tornar-se lembrança viva. Esses destinos dependem da ausência ou da presença de outros que se constituem como grupos de referência. Esse grupo de referência é aquele ao qual o sujeito pertence de forma enraizada. A memória do sujeito é construída no grupo e muitas vezes evocada em grupo, apesar de ser o sujeito quem lembra.

É na memória coletiva que as tradições dos grupos encontram sua força. As imagens, as lendas e as crenças antigas atualizam-se e são ressignificadas a cada momento da lembrança. Mas a força coletiva sobre a memória a leva ao risco da “ideologização”, isto é, a interpretação do grupo sobre um fato do passado muitas vezes supera a própria interpretação do sujeito que, mesmo sendo testemunha do acontecimento, pode privilegiar a versão do acontecimento imposta pelo grupo.

Os caminhos da memória são permeados por aspectos individuais e sociais, como um tecido formado por fios entrelaçados, que, mesmo sendo conhecidos pelas evocações das lembranças, requerem um aparato psíquico. O que lembramos e como lembramos constroem-se num movimento da demanda social e interna do sujeito. A inter-relação no meio social alimenta as lembranças individuais. A memória não é uma, é plural, e vai sendo construída pelo indivíduo em seu meio social. Ao evocar correlações que sustentavam as lembranças, elas podem ser modificadas, aí se requer trabalho psíquico.

No dizer de Bosi (1994, p. 55), “a memória não é sonho, é trabalho”. Se a memória é trabalho, ela implica em movimentos psíquicos de ligações e religações numa nova construção. Essa construção se dá a partir de inúmeras marcas mnêmicas que se formam desde que nascemos e são apreendidas de modo subjetivo e pessoal. Por exemplo, uma mesma situação vivenciada por duas pessoas pode ser lembrada de modo distinto (nem por isso é inverdade), uma vez que depende do modo como foi percebida em particular por cada pessoa.

As lembranças têm o passado como conteúdo e podem ser compartilhadas no presente por intermédio da comunicação. Assim, a matéria-prima – passado – é extensa. A oportunidade de socializar essas narrativas pode proporcionar a construção de um contexto significativo em que os narradores sejam valorizados. Bosi (1994) afirma que a memória também pode nos ajudar a compreender amplamente a sociedade em que estamos e sua mudança no decorrer do tempo.

A lembrança acontece quando provocada, quando alguém ou algum fato nos conduz de volta ao passado. Assim, podemos dizer que:

*A memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...] Continuando a escutar, ouviríamos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito (BOSI, 1994, p. 39).*

Bosi (1994, p. 49) reporta-nos à imagem-lembrança, e “esta nos traz à tona momentos únicos, singulares, não repetidos, irreversíveis, da vida. [...] A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada”.

Por serem subjetivas, as lembranças produzem emoções e significados diferenciados em cada um dos espectadores do mesmo fato, que vão modificar a maneira de perceber suas experiências, afetos, trajetória de vida etc.

Com relação à individualidade das lembranças, Bosi (1994) refere-se aos depoimentos orais, em que os sujeitos evocam, dão voz, dizem novamente o conteúdo de suas vivências. Para ela, “enquanto evoca, está

vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência” (p. 44).

Ao falar sobre a memória como dimensão social, Halbwachs (1993) postula que nossas lembranças permanecem coletivas, porque, na verdade, nunca estamos sós, o outro se faz presente mesmo na ausência. Nessa perspectiva, para obter uma lembrança é necessário que:

*[...] a reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns, que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (p. 34).*

*[...] a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado, com a ajuda de dados emprestados do presente (p. 71).*

Halbwachs (1993) trabalhava a relação entre a memória e o espaço, entendendo este último como condição fundamental para o equilíbrio mental e para certa sensação de segurança. Os lugares, no caso desta pesquisa, a escola como espaço físico, despertam evocação das quais brotam histórias de vida.

De acordo com Halbwachs (1993, p. 13), “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro especial”, a qual também se constitui em uma representação, já que, mesmo sem identificação física, depende da construção de significados para ser entendida.

A produção da temporalidade é muito importante para a construção de identidade. Essa temporalidade não é uma herança imutável e só existe quando contada. As lembranças que rememoramos ou esquecemos deixam-nos a divisão do tempo em que os fatos acontecem. A nossa memória é dividida por marcos, por períodos, que têm a ver com nossa história de vida. A memória mantém-se intacta. Ela sofre a ação do tempo e da experiência vivida.

Enfim, diante do exposto, podemos concluir que os estudos de memória em educação propõem a problematização dos processos de produção, circulação e adoção de discursos e saberes pedagógicos, bem como a emergência de experiências educativas formais e não formais na História brasileira, em suas temporalidades e espacialidades específicas. Assim, a pesquisa em memória, examina um amplo leque de temas

que podem ser: história dos atores educativos - educadores em geral e professores, gestores, estudantes, famílias, comunidades; história das práticas escolares abordando a história das instituições educativas, do currículo e das disciplinas escolares, da formação de professores, da imprensa pedagógica, da leitura, da escrita, dos artefatos escolares; a história das ideias pedagógicas e da construção social do discurso; história dos sistemas educativos; história da cultura escrita; história da educação; história e patrimônio; temas que compõem a diversidade de objetos que estruturam o campo de pesquisa em história da educação, especialmente com o aporte teórico-metodológico de autores para Psicologia Social, tais como: Ecléa Bosi (1994; 2003) e Maurice Halbwachs (1993). Nesta perspectiva, a compreensão dos fenômenos educativos, das inquietações e desafios que na contemporaneidade têm mobilizado pesquisadores e professores, encontra na sua própria historicidade possibilidades fecundas de produzir novos saberes que possam ser investidos nas práticas educativas de nosso tempo.

## REFERÊNCIAS

---

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, v. 4, São Paulo, 1993, p. 277-284.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da memória. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 56, ano V, Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, Marcel Ercolin. **Representações Sociais e Memória: um estudo sobre processos de mudanças em professores**. Dissertação de Mestrado em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1993.

MAHFOUD, M.; SCHMIDT, M. L. S. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, 1993 p. 285-298.

MORTADA, Samir Pérez. **Memória e Política**: um estudo de Psicologia Social a partir do depoimento de militantes estudantis. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. **Revista Ciência e Cultura**, CERU/USP, março, São Paulo, 1987. p. 272-286.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**: século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Sônia Maria. **Histórias de alfabetizadoras brasileiras**: entre saberes e práticas. Tese de Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.